

DOSSIÊ daGAVETA



Amanda Condasi, natural de São Gonçalo, é estudante de Letras na UFRJ e sempre foi sonhadora, leitora e faladeira. Fã em tempo integral e grande consumidora de cultura pop, acredita no poder da leitura e educação antirracista e segue por aí escrevendo suas histórias: é apaixonada em criar seus próprios mundinhos. *Na ponta dos sonhos*, que se encontra na antologia *Vozes Negras*, foi sua primeira publicação.

DOSSIÊ daGAVETA

Mariana Brito (entrevistadora daGaveta): Primeiramente, a gente queria que você se apresentasse, seu nome, de onde você vem.

Amanda Condasi: Meu nome verdadeiro ou meu nome artístico? É importante. É o CPF e o CNPJ.

Tá, então... Meu nome é Amanda Condasi.

Eu tenho 28 anos. E eu moro no Grajaú.

M.B: E como você começou de fato a escrever?

A.C: Eu digo que o marco de eu ter começado a escrever foi quando eu ganhei meu primeiro computador. Foi quando eu tinha 13 anos. Então, desde os 13 que eu escrevo. Mas antes eu já tinha ideias, mas eu não tinha o costume de rascunhar no papel. Só eram ideias que eu tinha a partir dos livros que eu lia, mas ficavam na minha cabeça. E quando eu ganhei meu primeiro computador, foi quando eu destravei essa persona escritora.

M.B: Qual foi o seu livro de “meu Deus, eu quero escrever”?

A.C: Ai, nossa. Acho que foram dois, assim. Na verdade foram três. Dois no mesmo autor, foram dois do Pedro Bandeira. Eu sempre falo que o Pedro Bandeira, a Thalita Rebouças e Mauricio de Sousa, foram os meus pilares iniciais para eu escrever. E do Pedro Bandeira eu cito dois, que é *A Marca de uma Lágrima*, que é o meu livro favorito da vida, e o da série dos *Karas*, a *Droga da Obediência*, principalmente. Lembro que eu devorei ele assim, na adolescência, nas férias, tava em casa nas férias de julho, aí, tipo, de 15 dias de férias foram 10 dias lendo o livro, até bem antes de 10 dias, ele é fininho. E eu fiquei encantada com a história dos jovens, e essa questão da droga, e um grupo de amigos. E isso me chamou a atenção, tipo, de que os adolescentes eram os protagonistas da história, os jovens eram os protagonistas da história, pessoas com a mesma idade que eu sendo protagonista de uma grande coisa, na *Droga da Obediência*. Então, isso me saltou aos olhos, como que os jovens, os adolescentes, podem ser os protagonistas das suas próprias histórias. E a *Droga da Obediência*, foi um livro que me chamou muito a atenção pelo ponto de também ser uma jovem, mas ela tinha muitos problemas de autoestima, ele primeiro me cativou porque eu também era uma jovem com problemas de autoestima, mas também foi isso, também tinha um mistério, também tinha meio que uma morte. Então teve também essa questão de investigação, apesar de eu não escrever suspense, thriller e coisas assim, esses dois romances juvenis, com essa trama de suspense, de investigação, me chamou a atenção e foi uma fagulha para escrever. E os outros livros da Thalita Rebouças, né,

DOSSIÊ daGAVETA

que também, a Thalita não tem jeito, também jovens sendo protagonistas de histórias de amor, de aventura. Nossa, *Tudo por um Popstar*, um livro que eu adorava. As aventuras dela, atrás dos ídolos. Então, essa questão de ter um jovem no centro e ele ser o protagonista da sua história, não só a história central do livro, mas da sua trajetória pessoal, claro que eu não tinha todas as palavras na minha cabeça naquela época. Mas eu entendia que eu queria escrever tendo o adolescente no meio e buscando viver, assim.

M.B: A gente também tem essa relação com a internet, com o computador, começando a ler fanfics...

A.C: Eu comecei escrevendo fanfic. Foram as primeiras histórias que eu postei, publiquei. Mas claro, assim... Usando pseudônimo... Tudo bem escondido, assim. Foi através das fanfics que eu perdi o medo de ficar só lá no meu Word. Não fez muito sucesso, mas foi o pontapé inicial.

M.B: Entrando mais no tema da revista em si, que é a desfiguração da cidade do Rio de Janeiro em Letras e Artes, a gente queria saber como a cidade do Rio influencia na sua escrita, você como moradora?

A.C: Acho que o Rio de Janeiro é o protagonista de muitas coisas que eu vivi. Agora, eu moro aqui, no Grajaú, mas até o ano passado, eu morava em São Gonçalo, que é a cidade onde eu cresci, me formei, enfim. Então viver nesse contraponto de morar na região metropolitana e viver no Rio de Janeiro, toda a questão de trabalho, estudo, amizade, lazer, tudo veio no Rio. E eu não tinha esse tipo de trabalho, de lazer, estudos em São Gonçalo, eu tinha que sair da minha cidade pra ir pra outra cidade. Então eu acho que nos meus livros, nas minhas histórias, eu acho que eu conseguia meio que idealizar esse lugar do Rio de Janeiro ser a minha cidade, que eu conseguia fazer tudo, também é um grande protagonista, que o Rio de Janeiro é uma cidade bonita, paradisíaca, e tudo mais. Então eu acho que eu utilizo do Rio de Janeiro como um protagonista. O maior exemplo disso é a minha história *O Rio de Janeiro continua lindo*, que ele é realmente o protagonista do livro. E foi muito interessante escrever isso, porque quando eu estava escrevendo essa história, eu não estava no Rio, então, eu também escrevi em um lugar de saudade. Não só da minha protagonista, mas meu também. Eu não estava no Rio nessa época, foi em 2021, eu fiquei seis meses morando em Boa Vista, Roraima, que é onde minha mãe mora.

Eu escrevi toda a história longe do Rio. Eu estava com uma saudade dupla. Além da saudade da protagonista, era minha também. Então foi interessante de ter escrito nessa ótica e ter usado o Rio como um grande plano de fundo.

DOSSIÊ daGAVETA

M.B: Realmente a gente vê o Rio de Janeiro como protagonista, você passou muito bem essa ideia. Em algumas obras, a gente sente uma falta, mas nessa não, eu entendi como é que essas duas mulheres passam, por onde elas moram, os locais, até aqui. É uma coisa muito real, pegar o metrô.

A.C: Eu gosto de colocar a cidade, principalmente o Rio de Janeiro, que eu sempre... Acho que tirando *Na Ponta dos Sonhos*, que é lá em São Gonçalo, mas enfim tem a ver também, qualquer cidade que eu escrevo, mas eu escrevo mais da ótica do Rio ou também São Gonçalo ou Niterói, a cidade nunca é um plano de fundo, nunca é uma coisa chapada. Os protagonistas sempre interagem com a cidade. Porque eu acho que também é da minha experiência. Enquanto pessoa que transita por essas cidades, eu não só passo pela cidade, eu interajo com elas, faço parte delas. Eu acho que isso também deixa a história mais rica, sabe? O personagem, não só a cidade não é um plano de fundo, ele interage. Então, isso de pegar o metrô, de ir à praia, de, sei lá, falar uma coisa ou outra. Eu lembro que no *O Rio de Janeiro Continua Lindo*, eu acho que eu falei alguma coisa sobre alguém estudar no Pedro II. Não é só, tipo "Ah, estou no Rio de Janeiro e beleza." E aí, tipo, não tem a história, o protagonista não faz nada característico do Rio de Janeiro, sabe? Então, nesse, nesse livro que eu estou escrevendo agora, que também se passa aqui no Rio, mas é um outro Rio de Janeiro, a história se passa mais na Zona Sul, porque a protagonista tem dinheiro. E aí é uma outra realidade, também, apesar de ser no Rio, eu não vivo em Ipanema, eu não vivo no Leblon, não vivo em Copacabana, entendeu? Mas, acredito que eu tô conseguindo, trazer minha essência nisso. Então também está sendo um outro tipo de Rio de Janeiro que eu estou explorando, né?

O Rio de Janeiro de quem tem dinheiro.

M.B: E como a gente transita por esses lugares, essa cidade. Tem uma galera que vai pra Zona Sul pra festejar, pra ir em praia, pra essa sensação do lazer. Enquanto outras pessoas saem horas antes só pra trabalhar ou estudar. Então a gente queria saber também como que você foi desenvolvendo essas características do lugar onde você mora. *Na Ponta dos Sonhos* se passa em São Gonçalo, você como Amanda CNPJ, escreve também com seu CPF, e você também vai transitando entre estar lá e estar aqui, estudando no Rio e morando em São Gonçalo, como isso foi moldando e desenvolvendo isso na sua escrita?

A.C: Eu acho que nenhuma escolha dos escritores é por um acaso. Então, a minha escolha da minha primeira história, de passar em São Gonçalo, não foi por um acaso. Foi um gesto que eu quis fazer como minha primeira história publicada, eu quero que se passe na cidade onde eu cresci. Você não conhece muitos livros, até hoje, que se

DOSSIÊ daGAVETA

passam em São Gonçalo. Então isso foi estrategicamente pensado. Quero que minha primeira história se passe em São Gonçalo, porque eu quero que as pessoas que não conhecem São Gonçalo, conheçam. E quem conhece, saiba que São Gonçalo também é um lugar que você pode viver histórias. A Baixada e as regiões metropolitanas são sempre vistas como cidades-dormitórios, né? Cidades-pêndulo. A gente já acorda lá, só que vem pro Rio pra trabalhar, e aí fica nesse pêndulo toda a vida, né? A Ponte Rio-Niterói pra mim sempre foi esse pêndulo. Então acordava em São Gonçalo, ia pro Rio, voltava pra dormir em São Gonçalo, ficava nessa pra sempre. Então eu achava que o lugar onde eu nasci, cresci, tive toda a minha identidade moldada não fosse o lugar onde eu conseguisse criar e viver histórias de amor, histórias de superação. São Gonçalo pra mim, enquanto moradora, sempre foi um lugar fadado à violência, tráfico, morte, existia até uma piada interna lá entre os moradores, eles tinham um jornal que circulava no município, chamado *Jornal São Gonçalo*, e as pessoas falavam que o jornal tem tanta tragédia que se você amassar, sai sangue. De tanta tragédia que tem no jornal.

E eu não quero que São Gonçalo seja visto somente como um lugar de pobreza, de morte, de violência, de tráfico, de sangue. Eu quero que as pessoas também olhem para aquela cidade e pensem que também tem outras formas de pensar São Gonçalo, sabe? Então foi estrategicamente pensado, isso. E pra mim até hoje é muito importante eu ter dado esse primeiro passo no mercado editorial, colocando a minha cidade em voga, levando ela junto comigo. E eu sempre falo, em qualquer lugar que eu vá, eu sempre vou falar que sou de São Gonçalo. Minha primeira história foi lá porque isso me... Como é que eu posso falar? Não que me faz diferente das outras pessoas, mas me faz diferente das outras pessoas porque eu tenho experiências enquanto uma escritora, uma estudante, uma mulher gonçalense que outras pessoas não têm, têm outras experiências. Então isso também me molda enquanto profissional e o que eu quero levar e o que eu quero mostrar nas minhas histórias. Então colocar essa cidade nesse papel e falar de lugares, não inventar lugares, falar de lugares reais, todos os lugares que estão no meu conto existem. Então a protagonista passa por vários lugares que eu passava enquanto eu estudava lá, enquanto morava. Não é inventar uma São Gonçalo fictícia, é uma São Gonçalo que existe.

Todos os lugares que estão lá existem. Também foi muito importante pra mim ter colocado esses lugares reais, lugares que qualquer gonçalense mediano passa, sabe?

Então foi estratégico essa ideia de utilizar a cidade como um plano, não como plano de fundo, mas como protagonista. E eu acho que eu gosto de fazer isso. Eu acho que *Na Ponta dos Sonhos* e *O Rio de Janeiro Continua Lindo* são dois exemplos da cidade como uma parte muito crucial de protagonismo, porque acho que a cidade também é muito crucial pra minha formação enquanto escritora.

DOSSIÊ daGAVETA

M.B: Falando dos dois contos, são duas protagonistas pretas vindo de fora do Rio de Janeiro que a gente propaga pra outros países. E a gente queria saber de onde vem esse desejo de colocar essas duas protagonistas, que são mulheres, negras, uma LGBT, a outra bailarina. De que onde vem essa questão?

A.C: Ah, eu acho que foi uma coisa muito natural. Pra mim, acho que não tem como não escrever protagonistas que minimamente se pareçam comigo. Eu acho que uma das coisas que me fizeram começar a escrever, foi porque eu não via personagens parecidos comigo. Se eu via, não era um lugar de protagonismo. Acho que é a frase que eu adotei pra minha vida, que eu escrevo as histórias que eu gostaria de ter lido. Isso foi natural pra mim, ter colocado duas protagonistas, uma LGBT, as duas negras, a Dandara, por exemplo, tem uma família grande, e eu não tenho uma família muito grande com muitos irmãos. Mas a Dandara tem. Então, eu quis ter essa dinâmica de vários irmãos, uma casa, enquanto a Dara e a Brenda têm outras dinâmicas familiares.

Então, essa questão de uma família preta, grande, de falar alto e tal. Todo mundo conhece alguém que tem uma família desse jeito. Mas foi natural colocar protagonistas que se parecessem comigo minimamente, ou pessoas à minha volta, mas também nada por acaso, também tem uma escolha política por trás disso. É uma escolha política de reafirmação de que esse tipo de pessoa, pessoas negras, pessoas gordas, pessoas LGBTs, também merecem protagonismo e ser protagonistas de suas próprias histórias. Então é uma coisa natural, mas política ao mesmo tempo. Que eu acho que define muito bem o que eu sou.

M.B: Também tem a questão das músicas, como você falou da música naquele momento. Como ela também diz sobre aquele lugar. Ficou muito na minha cabeça essa relação que você tem com a música e com a arte. Além da literatura, tem balé, tem a música, tem a dança. De onde você tirou essas influências do seu programa, do seu trabalho, o que nesse momento tem feito você criar esse olhar?

A.C: Que pergunta interessante. Eu sou muito curiosa com as artes no geral. Eu acho que, se eu não fosse escritora, eu ia ser artista de qualquer forma. Eu ia tá na dança, eu ia tá na música, eu ia tá nos bastidores, eu ia tá no holofote, eu ia ser atriz, eu ia ser o que for, mas eu acho que ser artista é uma coisa intrínseca a mim. Eu escuto muita música, acho que a música é uma arte que me atravessa muito, sabe? As letras das músicas. Então, ter usado balé, acho que foi um golpe de sorte, foi uma coisa que me inspirou. Eu nunca fui de balé, eu fiz jazz quando eu era criança, mas nunca fiz balé. Não sei da onde veio balé na história, mas ele surgiu e eu gostei muito.

DOSSIÊ daGAVETA

Eu fiquei pesquisando muito sobre balé, sobre escolas de balé e tal. Foi muito interessante essa pesquisa, que era uma arte que eu admirava, mas eu não tinha nenhuma noção. Então, eu fui atrás. Foi muito legal de pesquisar. Mas a música é um ponto muito crucial no meu processo de escrita, no meu desenvolvimento de personagens e de tudo. Então, a música sempre está comigo em todos os projetos que eu faço. Um ou outro, eu acabo colocando uma música ali que tem a ver com o capítulo, com a história. Todas as minhas histórias têm playlists, porque, às vezes, ou eu tenho inspiração com uma música ou uma música me ajuda quando eu estou travada com alguma coisa ou eu fico escutando uma música e fico: “Ah, seria legal ter essa música no fundo de tal cena, quando o protagonista faz isso, isso e aquilo”

quando eu vejo, eu tô desenvolvendo uma história que eu estava travada, assim, isso tem acontecido muito com esse livro que eu estou escrevendo agora. Um dos protagonistas toca violão, e aí, eu fico... Ah, ia ser legal ela tocar violão pra outra menina, tocar tal música, aí eu fico pensando na cena, assim, nela tocando violão e vem a música e eu fico pensando o que pode acontecer e tal. Então, a música, ela sempre é um gatilho muito bom pra mim, pra inspiração. Então, as artes, principalmente a música, está muito atrelada à inspiração. São umas coisas, assim, imprescindíveis pra mim. Eu não consigo trabalhar sem música.

M.B: E pra fechar, qual é o seu recado pra meninas negras, jovens, de São Gonçalo. O que você quer deixar de herança com seu trabalho?

A.C: Eu acho que o que eu quero, o que eu faço com o meu trabalho é que eu quero que no futuro as meninas parecidas comigo não pequem de representatividade. Não fiquem lendo o livro imaginando uma protagonista preta, sendo que ela foi escrita como branca. Eu quero que a representatividade não seja escassa, que ela seja uma coisa comum no dia a dia. Então, se depender de mim, vou trabalhar sempre para que ninguém precise ficar se vendo nessas entrelinhas. Tipo, ah, eu sou aquela protagonista porque ela é a mais escurinha, mais ou menos escurinha, assim, tipo, por exemplo, um exemplo claro: *Três Espiãs Demais*. Aí, era uma ruiva, uma loira e uma com o cabelo preto. Vou ser aquela de cabelo preto, sabe? A gente pegava referências de representatividade em coisas mínimas. Eu não quero mais que isso seja assim. Então, se depender de mim, a referência de representatividade vai ser clara, explícita, escrachada para todo mundo. E o recado que eu dou para os jovens escritores periféricos é que não desistam. Por mais clichê que seja, por mais fácil que é falar, se não for a gente fazendo, ninguém vai fazer pela gente. Então é muito importante que a gente dê a cara a tapa, e se mostre e conquiste os nossos lugares, que é nosso por direito. A gente nunca tá no mesmo patamar de escritores brancos e renomados, muito pelo contrário. A gente tem que galgar o nosso espaço, mas não desistam, existe

DOSSIÊ daGAVETA

lugar para todo mundo e o nosso lugar vai chegar e tá chegando. Se a gente também juntar com pessoas que têm o mesmo propósito que a gente, também é muito bom e ajuda um pouco a desanuviar a nossa mente. Mas o recado que eu dou é esse, que um dia a representatividade não vai ser um tema, não vai ser uma questão, vai ser como qualquer outra coisa.

DOSSIÊ daGAVETA

Prefácio "A sétima onda"

Eu sempre fui do axé, direta e indiretamente. O cheiro das ervas e do defumador, o som do atabaque, o branco nas vestimentas e a dança sempre me fizeram ser do axé. O corpo arrepiado, o pé ritmado e a paz quando recebia o afago de uma entidade que gostava.

O axé está em mim antes mesmo que eu soubesse o que significava isso. É coisa que vem de ancestral, arrepia a pele e não tem explicação.

Um conto como esse, anos atrás, me ajudaria a entender ainda mais que está tudo bem ser quem eu sempre quis. Mesmo com família que segue religião de matriz africana, eu por muito tempo não tinha coragem de bater no peito e assumir minhas responsabilidades. Orixá está conosco desde o nosso nascimento, sabe o que a gente precisa e cuida dos nossos caminhos.

Quando recebi o convite de escrever esse prólogo, na hora pensei que não seria capaz. Assim como mais nova, achei que não conseguiria exercer minha fé. Tinha medo do que falariam de mim e dos olhares tortos por aí.

O preconceito religioso e a incerteza em mim mesma me fizeram renunciar vontades e me fechar. Agora eu sei que Orixá sempre acreditou em mim e que talvez não fosse o momento certo. Acho que não escutei a voz de dentro de mim, ou melhor, ouvi e não me fiz de entendedora na época. Maria Bethânia canta que é a casa do raio e do vento, e, por muito tempo, eu me tranquei a sete chaves, que é um número simbólico, olhem a ironia do destino.

Talvez você não tenha contato algum com as religiões de matriz africana, nunca nem mesmo frequentou um terreiro. Mas espero que ao final dessa leitura vocês consigam sentir um pouco da magnitude e a grandiosidade que é Oxumarê. Orixá representado por uma cobra e um arco-íris; renascimento, ciclos, esperança e luz.

Não poderia estar mais feliz de estar escrevendo essas palavras para alguém que amo. Algumas coisas não necessariamente precisam de explicações e motivos, como por exemplo, a aproximação e amor genuínos que sentimos para com o outro. Juan consegue nos cativar com cada palavra. A dor, a raiva, o amor e a esperança em cada frase é sentida ao máximo nesse conto. Espero que embarquem de cabeça e peito aberto nessa leitura e absorvam ao máximo cada mensagem nas entrelinhas.

“Arroboboi Oxumarê! Salve o senhor do arco-íris.”

Com amor e axé,

Amanda Condasi, Autora do conto
Na ponta dos sonhos (Vozes Negras)